



ARTIGO/DOSSIÊ

"SOU INVISÍVEL – COMPREENDE?": AFROFUTURISMO E IDENTIDADE NEGRA EM HOMEM INVISÍVEL, OBRA DE RALPH ELLISON

ANDERSON BRUM
EDUARDO MARKS DE MARQUES

Anderson Brum

Mestrando em Literatura Cultura e Tradução pela Universidade Federal de Pelotas.

Graduado em Letras Português e Inglês pela Universidade Federal de Pelotas, 2022.

Membro do grupo de pesquisa: O mundo que (des) conhecemos: examinando as distopias pós-modernas nas literaturas anglófonas contemporâneas.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3732936609135023>.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-2742-8069>.

E-mail: andersonbrumf@gmail.com.

Eduardo Marks de Marques

Doutor em Australian Literature and Cultural History (University of Queensland), com estágio pós-doutoral em Teoria Literária (Universidade Federal de Minas Gerais).

Líder do grupo de pesquisa: O mundo que (des) conhecemos: examinando as distopias pós-modernas nas literaturas anglófonas contemporâneas.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9216599540037680>.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-3067-7237>.

E-mail: eduardo.marks@ufpel.edu.br.

Resumo: O presente artigo analisa a obra *Homem Invisível*, escrita por Ralph Ellison, publicada em 1952 e considerado um dos principais romances da ficção negra norte-americana. Inicialmente, é apresentado um debate histórico sobre a ficção científica como um gênero receptivo às questões da realidade negra. A partir disso, conceitua-se afrofuturismo através das discussões de diferentes autores e de uma perspectiva histórica com a presença da Harlem Renaissance. Na sequência, debate-se a obra *Homem Invisível* e a construção da identidade negra como invisível no romance. Por fim, o artigo analisa os aspectos que fazem com que ela (não) seja um marco zero para o movimento afrofuturista.

Palavras-Chave: Afrofuturismo. Ficção científica. Identidade invisível. Racismo.

Abstract: The present paper analyzes the work *Invisible Man*, written by Ralph Ellison, published in 1952, and considered one of the main novels of African-american fiction. Initially, the paper presents a historical debate about Science Fiction as a genre receptive to issues of black reality. From this, we present a conceptualization of Afrofuturism through discussions of different authors and through a historical perspective with the Harlem Renaissance. Next, we discuss the work *Invisible Man* and the construction of black identity as invisible in the novel. In the end, we analyze the aspects that (don't) make the work as the starting point for the Afrofuturist Movement.

Keywords: Afrofuturism. Science fiction. Invisible identity. Racism.

INTRODUÇÃO

Ao longo dos últimos anos, discussões em busca de uma maior representatividade estão sendo realizadas. Nessa ideia, busca-se dar destaque às manifestações artísticas de pessoas pertencentes a grupos vistos como minoritários socialmente e que, por consequência, trazem

assuntos e realidades presentes no cotidiano de sua comunidade em suas obras. A partir disso, o *afrofuturismo* é um termo que ganha espaço ao proporcionar obras que debatem a realidade com a presença de uma perspectiva futurista e um foco na negritude. Obras como *Kindred: Laços de Sangue* (1979) e a duologia *A Parábola do Semeador* (1995) e *A Parábola dos Talentos* (1998), de Octavia Butler; *Midnight Robber* (2000), de Nalo Hopkinson; *A Intuicionista* (1998), de Colson Whitehead; as trilogias *Binti* (2020), de Nnedi Okorafor; e *A Terra Partida* (2015), de N. K. Jemisin, conquistaram popularidade por tratarem de temas sociopolíticos da realidade negra que já possuem impacto no presente, ainda que estejam localizadas no futuro em relação ao ano de publicação das obras.

Adicionado a isso, redes sociais como o TikTok, o Instagram e o YouTube contribuem para a circulação de debates e campanhas de recomendação de obras de artistas de grupos minoritários, com as obras de autores como Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo e Itamar Vieira Junior sendo, atualmente, algumas das principais expoentes desse contexto de valorização.

Ainda assim, para se chegar a uma conceituação do que é considerado afrofuturismo atualmente, é necessário considerar influências do passado na produção de pessoas negras. Por ser um movimento plural, o afrofuturismo contempla diversos gêneros na literatura e em outras produções da arte que o ajudam a se estabelecer no patamar que possui hoje em dia. Uma das diversas formas de tentar conceituar o afrofuturismo tem o seu início a partir da ficção científica.

No entanto, antes do afrofuturismo ganhar a sua conceituação e o sucesso que conseguiu alcançar hoje, a literatura de autoria negra

já existia e apresentava reflexões relacionadas às vivências de pessoas negras na sociedade. Nesse cenário, a obra *Homem Invisível*, escrita por Ralph Ellison e publicada em 1952, é considerada como uma das maiores obras da literatura ficcional negra estadunidense no século XX.

A história é narrada em primeira pessoa por um homem negro anônimo e centra-se em sua história de vida. O homem começa como um jovem que cresceu no Sul dos Estados Unidos e passou a ter as tradições influenciadas pelo lugar; entretanto, ao longo da narrativa, ele desenvolve sua consciência racial conforme passa a ganhar maior destaque por sua capacidade de oratória e receber diferentes recepções dos públicos que o acompanhavam. É nesse contexto que o protagonista entra para um movimento político com pessoas brancas e negras que se assemelha aos ideais marxistas da época, se afastando da tradição de distanciamento racial que nele havia permanecido pelo seu passado no Sul. Ainda assim, os confrontamentos entre o grupo que o narrador estava e o grupo separatista geram um clima de tensão social no Harlem e, por consequência, trazem desilusões ao protagonista.

Conforme Ellison discursa ao ganhar o *National Book Award* em 1953:

Certamente se eu fosse perguntado com toda seriedade apenas sobre o que eu considero como o significado principal que *Homem Invisível* tem como uma ficção, eu responderia: sua atitude experimental, e sua tentativa de retornar ao clima de responsabilidade moral pessoal pela democracia que caracterizou o melhor da nossa ficção do século XIX. (RICE, 2003, p. 107, tradução nossa)¹

1 “Indeed if I were asked in all seriousness just what I considered to be the chief significance of *Invisible Man* as a fiction, I would reply: its experimental attitude, and its attempt to return to the mood of personal moral responsibility for democracy which typified the best of our nineteenth-century fiction” (RICE, 2003, p. 107).

Sendo assim, a obra de Ellison carrega uma perspectiva histórica que ajuda a compreender a realidade negra norte-americana do século XX, e aponta para uma discussão focada na formação da identidade racial do protagonista colocado em diferentes situações que o obrigavam a reagir e aprender com os acontecimentos e, principalmente, com o racismo que estava sofrendo. Através do caminho “experimental” que Ellison menciona, a narrativa consegue estabelecer essas discussões sobre a identidade negra e os aspectos políticos que afligiam as pessoas negras na época. Essa alcunha de “experimental” contribuiu para que até hoje o romance seja visualizado a partir do gênero da ficção científica na literatura, mas, ainda assim, a obra de Ellison pode ser vista como um dos primeiros momentos do afrofuturismo como movimento na literatura negra norte-americana.

Portanto, o presente artigo estará dividido ao longo de três seções. Primeiro, apresentará uma discussão sobre a ficção científica como gênero de modo a proporcionar uma discussão inicial sobre o afrofuturismo e possíveis motivos que fizeram a obra ter sido considerada como representante do gênero. Depois disso, a segunda parte irá conceituar o afrofuturismo como movimento e a sua relação com as ficções especulativas. Por fim, a terceira parte irá debater o romance *Homem Invisível* como um possível marco zero do movimento afrofuturista.

AS FICÇÕES CIENTÍFICAS COMO ALTERNATIVAS PARA PESSOAS NEGRAS

Em seu livro *Science Fiction: A Very Short Introduction* (2011), David Seed apresenta diferentes visões sobre como a ficção científica foi sendo vista no decorrer dos anos. Assim, divide seus capítulos entre: “Viagens no Espaço”, “Encontros com Alienígenas”, “Ficção

Científica e Tecnologia”, “Utopias e Distopias”, “Ficções do Tempo” e “Campo da Ficção Científica”. Logo na introdução do texto teórico, o autor desenvolve a ideia de que a “ficção científica é sobre o presente do autor no sentido de que qualquer momento histórico incluirá suas próximas expectativas e tendências percebidas. Os futuros representados na Ficção Científica contemplam sua dimensão especulativa” (SEED, 2011, p. 15-16, tradução nossa)². Dessa maneira, a ficção científica contribui para considerações sobre o presente e as eventuais visões de como será o futuro.

A partir dessa perspectiva, nota-se a forma como a ficção científica é acompanhada de um discurso tecnológico unido com as possíveis mudanças que podem ser geradas a partir da presença dessas inovações. Com a utilização dos futuros imaginados, a ficção científica passa a ser um lugar em que se encontram discussões sociais sendo inseridas para proporcionar reflexões sobre a realidade. Nesse panorama, o autor destaca que as ficções científicas possuem características históricas geralmente vinculadas às novelas espaciais: “o herói masculino idealizado; armamento futurista como armas de raio; um episódio de ação cheio de acontecimentos exóticos e inesperados; e uma luta entre duas forças bem opostas representando o bem e o mal” (SEED, 2011, p. 14, tradução nossa)³, conforme é possível visualizar em obras como *Star Wars* (1977), de George Lucas.

Contudo, tais questões também contribuem para a construção de estereótipos negativos ou de personagens coadjuvantes que

2 “Science fiction is about the writer’s present in the sense that any historical moment will include its own set of expectations and perceived tendencies. The futures represented in SF embody its speculative dimension” (SEED, 2011, p. 15-16).

3 “The idealized male hero; futuristic weaponry like ray-guns; an episodic action full of the exotic and unexpected; and a struggle between starkly opposed forces for good and evil” (SEED, 2011, p. 14).

não desempenham papéis impactantes no enredo de obras – principalmente em obras com a presença de personagens negros e até mesmo nas obras em que eles não estão presentes, já que essa ausência precisa ser debatida. Se uma obra se propõe a trazer reflexões sobre o futuro e nela não há menção a pessoas negras, qual é a interpretação direta que podemos construir com isso? A ficção científica ajuda a oportunizar locais e momentos de reflexão que chegam até o cenário contemporâneo de afrofuturismo, em que personagens negros passam a ganhar protagonismo através de narrativas impulsionadas pelo contexto futurista.

Além disso, na ficção científica há a presença de realidades alternativas destacadas pela presença do outro – que, em muitos momentos da história do gênero, foram/são os alienígenas. Conforme salienta o autor: “O termo ‘alienígena’ sugere outro e diferença. Os alienígenas na ficção científica são por definição sempre imaginados através de referências a grupos humanos familiares, espécies ou máquinas” (SEED, 2011, p. 28, tradução nossa)⁴. Dessa forma, alienígenas representam o estranho – aquilo que é visto como diferente, mas também colocado a partir da visão vilanesca em relação aos humanos representados pelo lado do “bem” nessas histórias.

Nesse panorama, a série *Star Trek* apresentou, em 1966, a tenente Uhura – uma das personagens principais tanto da série quanto dos primeiros seis filmes de *Star Trek* nos cinemas. Em Uhura, tem-se a presença da primeira mulher negra em uma posição de poder e influência em uma série norte-americana. Por esse motivo, Uhura é considerada como um dos marcos para a comunidade negra nos

4 “The very term ‘alien’ suggests otherness and difference. The aliens in science fiction are by definition always imagined through reference to familiar human groups, animal species, or machines” (SEED, 2011, p. 28).

Estados Unidos – com a atriz Nichelle Nichols recebendo pedidos de Martin Luther King Jr. para permanecer atuando na série mesmo quando ela teve vontade de deixar a produção por vislumbrar uma carreira na Broadway (SCODARI, 2012). Uhura era vista como um exemplo, principalmente para as crianças negras, de que o futuro delas poderia ser diferente do que a posição clássica de empregada nas histórias televisionadas.

Todavia, a história de Uhura também é marcada pela repercussão que a sua personagem provocou. Tendo em mente que o cenário norte-americano estava no ápice da luta pelos direitos civis na década de 60, a interpretação óbvia seria de que Uhura seria rejeitada por ser uma mulher negra estrelando na televisão. No entanto, as maiores críticas que cercaram a personagem estavam relacionadas também a outros aspectos, como o par romântico de Uhura (SCODARI, 2012) – algo que foi ainda mais evidenciado na versão de 2009 de *Star Trek* em que Zoe Saldana interpreta a personagem. Nichelle Nichols protagonizou o primeiro beijo interracial de uma série da televisão americana em um dos episódios, em 1968, em que Uhura beija James T. Kirk (William Shatner).

Ademais, torna-se importante questionar os motivos que levaram Uhura a ter sido aceita com maior “facilidade” na televisão do que seria esperado. Por tratar-se de uma obra de ficção científica, o cenário futurista e a sensação de impossibilidade proporcionada pela presença de alienígenas, naves espaciais e planetas diferentes geram um distanciamento do público ao que está sendo reproduzido. Ou seja, a presença de Uhura causou um estranhamento – mas o público de sci-fi já está acostumado a acompanhar histórias marcadas pela impossibilidade. Desse modo, a presença de Uhura significa uma das

maiores representações de pessoas negras em espaços culturais de mídia pensando na época – só que o fato de ter acontecido em uma produção de ficção científica é essencial para entender a recepção mais “tranquila” do que teria em um romance de época ou obras de gêneros considerados mais próximos da realidade da audiência.

Sendo assim, o sci-fi é um local que possui abertura para retratar questões sociais com maior facilidade. Não há dúvidas de que “Tenente Uhura representou uma chave fundamental para a diversidade racial, nacional e de gênero do *Star Trek* original” (WEITEKAMP, 2014, p. 24, tradução nossa)⁵; entretanto, o próprio fato de Uhura ter sido a primeira já demonstra que isso não era o mais comum de se encontrar nas obras de sci-fi como um todo.

A FORMAÇÃO DO AFROFUTURISMO

Em 1994, toma-se o estabelecimento do afrofuturismo como um movimento estético que tem como característica a contribuição para o imaginário de um futuro a partir da construção de pessoas negras tendo como centralidade a cultura da diáspora africana, ainda que não apenas. O crítico literário Mark Dery cunhou o termo *afrofuturismo* em seu ensaio “Black to the Future”, em que entrevista três autores negros – Samuel R. Delany, Greg Tate e Tricia Rose. De acordo com Dery:

Ficções especulativas que tratam sobre temas afro-americanos e se relacionam com preocupações afro-americanas no contexto da tecnocultura do século vinte – e, mais genericamente, a significação afro-americana que se apropria de imagens da tecnologia e um mundo prosteticamente aperfeiçoado – talvez,

5 “Lt. Uhura represented a key part of the original *Star Trek*’s racial, gender, and national diversity” (WEITEKAMP, 2014, p. 24)

pela necessidade de um termo melhor, sejam chamadas de Afro-Futurismo. (DERY, 1994, p. 180, tradução nossa)⁶

Todavia, é importante salientar que o afrofuturismo já existia na prática muito antes de ter o seu conceito estabelecido academicamente. Suas primeiras manifestações na arte aconteceram na década de 1950 – com suas características já presentes na literatura, na arte e na música. Assim, Dery faz um agrupamento das principais características presentes em obras que não se encaixavam nos gêneros e movimentos da época e, com isso, chega até a conceituação do termo *afrofuturismo*.

É durante a Harlem Renaissance que a literatura de autoria negra passa por transformações – mesmo que elas tenham sido involuntárias por não haver uma organização definida de como as pessoas envolvidas no período deveriam se juntar: “Não havia nenhuma filosofia literária os guiando, nem apenas uma percepção uniforme de qual fenômeno estava ocorrendo ao seu redor. Eles estavam ligados juntos, no entanto, por uma experiência negra comum” (HUDLING, 2004. p. 5, tradução nossa)⁷. O período começa em 1918, influenciado pelo fim da Primeira Guerra Mundial, e se entende até a década de 1930:

A indústria editorial americana explodiu após a Primeira Guerra Mundial, e novas firmas (fundadas por judeus) se voltaram para novos tipos de literatura, incluindo a literatura de negros. O Blues e o Jazz decolaram como formas populares de

6 “Speculative fiction that treats African-American themes and addresses African-American concerns in the context of twentieth-century techno-culture – and, more generally, African-American signification that appropriates images of technology and a prosthetically enhanced future – might, for want of a better term, be called Afro-Futurism” (DERY, 1994, p. 180)

7 “There was no single literary philosophy guiding them, nor even a uniform perception of what phenomenon was taking place around them. They were linked together, however, by a common black experience” (HUDLING, 2004, p. 5).

música no despertar da guerra e, auxiliados pela nova indústria fonográfica, atraíram setores de classe, raça, região e nação. Convenções de gênero e sexualidade também sofreram intensa pressão. (HUTCHINSON, 2007, p. 7, tradução nossa)⁸

Na época, a Harlem Renaissance era intitulada *New Black Movement* pela influência do livro de mesmo nome lançado pelo filósofo Alain Locke. Em sua antologia, Locke reuniu obras de diversos artistas negros, como Langston Hughes e Claude McKay. Dessa forma, o movimento cultural simbolizou o protagonismo de pessoas negras fazendo arte que não era diretamente impactada pela influência europeia. Sendo assim, a Harlem Renaissance foi um momento em que negros tiveram uma emancipação intelectual, cultural e artística no que se refere à forma como as artes eram influenciadas e produzidas. A Harlem Renaissance não se enquadra no afrofuturismo tendo em vista as produções da época, mesmo assim, simboliza a semente do que vem a ser o movimento.

Inicialmente, o termo *afrofuturismo* proposto por Dery vinculava-se com obras no contexto estadunidense (GOMES DE SOUZA, 2019, p. 33) – o uso de *afro-americanos* (DERY, 1994, p. 180, tradução nossa) por parte de Dery ao invés de *negros* leva a um caráter específico de nicho do contexto do país americano, assim, o termo *afrofuturismo* nasce com uma definição bastante particular da realidade dos Estados Unidos. O fato de um crítico branco norte-americano ser o responsável pela criação do termo contribui para o foco na perspectiva americana e, também, justifica o motivo pelo qual na definição de Dery pessoas

8 “The American publishing industry exploded after World War I, and new firms (often founded by Jews) turned to new kinds of literature, including literature by African Americans. The Blues and Jazz took off as popular musical forms in the wake of the war and, aided by the new recording industry, appealed across lines of class, race, region, and nation. Conventions of gender and sexuality came under intense pressure” (HUTCHINSON, 2007, p. 7).

brancas podem contribuir com criações no movimento. Contudo, com o tempo o termo ganhou notória projeção e adquiriu um caráter global que faz com que esteja presente na vida e obra de comunidades negras por todo o planeta. Tal caráter tem como resultado a participação de diversos críticos e teóricos negros oferecendo suas contribuições sobre o movimento afrofuturista.

Em 1998, a professora e escritora Alondra Nelson fundou uma comunidade online intitulada *Afrofuturismo* para que artistas e estudantes tivessem a oportunidade de debater obras de ficção científica que envolvessem questões relacionadas com o tema em questão. Desse modo, a professora tinha como objetivo discutir as principais características presentes em obras que pudessem ser consideradas parte do movimento:

Nelson era uma fã de sci-fi e observou paralelos entre a história e a cultura de pessoas com descendência africana nascida nas Américas. Ela especialmente se conectou com o tema da abdução cultural e com os cientistas negros não falados que frequentemente estavam desaparecidos dos livros de história. (WOMACK, 2013, p. 18, tradução nossa)⁹

Posteriormente, Nelson propôs uma definição de afrofuturismo na introdução do volume 20 da edição 71 do periódico *Social Text*, organizado pela Universidade de Duke. Segundo Nelson, o Afrofuturismo pode “ser amplamente definido como ‘vozes afro-americanas’ com ‘outras histórias para contar sobre cultura, tecnologia e coisas que estão por vir’” (NELSON, 2002, p. 9, tradução nossa)¹⁰.

9 “Nelson was a sci-fi fan and saw parallels between popular themes in science fiction and themes in the history and culture of people of African descent in the Americas. She especially resonated with the theme of cultural abduction and with the unsung black scientists who were often missing from history books” (WOMACK, 2018, p. 18).

10 “Afrofuturism can be broadly defined as ‘African American voices’ with ‘other stories to tell about culture, technology and things to come’” (NELSON, 2002, p. 9).

Sendo assim, a definição de Nelson converge com a conceituação proposta por Mark Dery oito anos antes. Entretanto, há um fator diferencial que é fundamental na conceituação proposta pela escritora – a questão da autoria de uma obra afrofuturista ter de ser negra. Se em Dery havia um destaque para obras sobre a realidade negra em um contexto tecnológico, em Nelson há a necessidade de que quem se proponha a fazer isso também faça parte da comunidade negra – há uma mudança de perspectiva na forma como o movimento aparece e se manifesta até os dias de hoje.

Ademais, a autora e os participantes da comunidade compuseram uma lista de atributos de manifestações da arte que fizessem parte do afrofuturismo, assim, não falando apenas sobre a literatura como também trabalhando com a música e outros aspectos tecnológicos que contam com a presença da cultura negra. Na lista da autora, as obras precisam conter: “imagética sci-fi, temas futuristas e inovações tecnológicas na diáspora africana” (NELSON, 2002, p. 9, tradução nossa)¹¹ para que sejam exemplos do movimento. O grupo de pesquisas da escritora resultou em um simpósio chamado *Afrofuturismo Forum*.

Nesse contexto, é importante chamar atenção para como o afrofuturismo não possui uma relação direta com o futurismo. No futurismo, movimento de Filippo Marinetti na Europa, tem-se uma procura pela ruptura com o passado e a aproximação do contato entre o homem e a máquina (MARINETTI, 1909). Além disso, o movimento se caracteriza por seus ideais higienistas que, posteriormente, se conectam com a ascensão do fascismo italiano – liderado por Benito Mussolini.

11 “[...] sci-fi imagery, futurist themes, and technological innovation in the African diaspora (NELSON, 2002, p. 9)”.

No manifesto de Marinetti, estavam presentes o desprezo pela mulher e o combate ao feminismo:

09) Nós queremos glorificar a guerra – única higiene do mundo – o militarismo, o patriotismo, o gesto destruidor dos libertários, as belas ideias pelas quais se morre e o desprezo pela mulher.

10) Nós queremos destruir os museus, as bibliotecas, as academias de toda natureza, e combater o moralismo, o feminismo e toda vileza oportunista e utilitária. (MARINETTI, 1909)

Dessa forma, as ideias de Marinetti são completamente opostas ao que o afrofuturismo se proporciona a fazer a partir de sua origem. Se o movimento de Marinetti é obsoleto, singular e excludente, o afrofuturismo é visualizado como novo, plural e inclusivo. As consideradas minorias sociais recebem destaque e são as protagonistas do movimento.

O começo do que hoje é chamado de afrofuturismo na literatura pode ser localizado na década de 50, através da publicação de *Homem Invisível* (1952), obra de Ralph Ellison que é considerada como “marco zero” para o movimento. Na obra, um homem negro tinha em sua cor o motivo pelo qual a sociedade recusava-se em vê-lo como ser humano. Em uma narrativa psicológica que está situada nos Estados Unidos na época da segregação, Ellison trabalha diretamente com questões sociais e políticas que a comunidade negra enfrentava no país. Dessa forma, possui um papel essencial no imaginário negro.

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA COMO INVISÍVEL EM *HOMEM INVISÍVEL*

Visualizada até os dias de hoje como fundamental para entender a construção do afrofuturismo como movimento, a obra *Homem*

Invisível é publicada por Ralph Ellison em 1952. Logo após a sua publicação, o livro venceu diversos prêmios literários que o fazem ser considerado até o dia de hoje como um dos grandes romances norte-americanos do século XX.

Na obra, temos a presença de um protagonista negro considerado invisível que não é nomeado em nenhum momento durante a narrativa. A narração ocorre em primeira pessoa com o personagem introduzindo a história que vai contar no decorrer do livro, como se o narrador estivesse rememorando a sua vida e, por isso, sendo capaz de fazer comentários mais embasados sobre as ocorrências do passado. Assim, o livro segue com um teor extremamente psicológico para atravessar os acontecimentos na vida do protagonista – que passa por diversos infortúnios que afetavam a população negra nos Estados Unidos durante a década de 50. Tendo isso em mente, a obra de Ellison é visualizada por diversos teóricos do afrofuturismo como uma espécie de “marco zero” para o movimento – já que ela proporciona fortes reflexões sobre o passado e o presente da comunidade negra americana.

No entanto, um fator curioso na recepção da obra é que Ellison escreve na edição comemorativa de 30 anos do lançamento do livro que ele “sabia bem que uma obra de ficção científica era a última coisa que eu esperava escrever” (LAVENDER III, 2019, p. 158, tradução nossa)¹². Pela ausência de um termo como o *afrofuturismo* em sua época, o autor não teve alternativa que não fosse aceitar a leitura de sua obra como uma ficção científica. Mesmo assim, teóricos como Isiah Lavender III e Lisa Yaszek, que escreveram sobre a obra de Ellison ao longo dos últimos anos, já a posicionam de forma distinta

12 “well aware that a piece of science fiction was the last thing [he] aspired to write” (LAVENDER III, 2019, p. 158).

– visto que não há a presença de características de ficção científica que geralmente encontra-se em obras do gênero. O romance de Ellison não apresenta uma alternativa ao cenário em que o autor está inserido na sociedade, desse modo, o mundo de *Homem Invisível* é bem semelhante ao mundo real de Ellison (YASZEK, 2005, p. 298).

A narrativa de Ellison é marcada pela busca por identidade do protagonista, o qual precisa se adaptar a diferentes situações para tentar mudar a sua vida, mas que sempre é impedido de conseguir progredir por causa do racismo. O narrador-protagonista inicia a narrativa dizendo ser um homem invisível e complementa: “Sou um homem sem substância, de carne e osso, fibras e líquidos, e talvez até se possa dizer que possuo uma mente. Sou invisível – compreende? – simplesmente porque as pessoas se recusam a me ver” (ELLISON, 2020, p. 31). Dessa maneira, Ellison prepara o tom de um romance psicológico que permanece até a sua conclusão.

Ao longo do romance, são apresentados temas políticos como a falta de moradia – o cenário de não ter um lugar para morar que o protagonista enfrenta – e a alienação na dificuldade de questionar todas as violências que o acometem. O protagonista de *Homem Invisível* está desde o início construindo a sua identidade, principalmente através do seu objetivo de querer condições de vida melhores. Tendo sido criado no sul estadunidense, região mais afetada pelas marcas da escravidão e da Guerra Civil Americana, o homem invisível carrega uma série de pensamentos relacionados à raça e ao separatismo que acabam se modificando ao longo da narrativa por intermédio do contato com outras pessoas em diferentes comunidades.

Ainda assim, o homem invisível desempenha o papel de um homem inteligente que sabia falar em locais públicos, mas que adaptava a

sua fala conforme a sua audiência. Ele sempre era escolhido para ser a pessoa a discursar, já que possuía uma capacidade de liderar que era notada pelos demais. Entretanto, esse discurso era marcado pela adaptação e nem sempre representava os verdadeiros pensamentos do protagonista – algo que deve ser questionado já que, por tratar-se de um narrador-protagonista contando as suas memórias, há a possibilidade de que tenha modificado o seu pensamento conforme foi envelhecendo e passando por experiências. Quando discursava para pessoas brancas, o homem era tomado por um discurso dominado pela paz e pela ausência de um sentimento de resistência para com o preconceito que sofria, como acontece em seu discurso de formatura elogiado por todos os presentes, posto que, em suas memórias, o homem relata ter conhecimento de que tratava-se de um discurso mentiroso já que o que discursou não retratava a realidade e os sentimentos da sua família, mas ainda assim, visava agradar ao público dos lugares que frequentava:

No dia da minha formatura, fiz um discurso em que mostrei que a humildade é o segredo, na verdade, a própria essência do progresso. Não que acreditasse nisso – como poderia, lembrando-me do meu avô? Só acreditava que funcionaria. Foi um grande sucesso. Todo mundo me elogiou e fui convidado a dar uma palestra numa reunião dos cidadãos brancos, líderes da cidade. Foi um triunfo para a nossa comunidade (ELLISON, 2020, p. 45, grifos nossos)

Posteriormente, ao discursar para esses homens influentes em outra oportunidade, ele precisava se cuidar sempre que tocava em uma palavra como “responsabilidade” ou “igualdade” – que poderiam gerar como resultado “responsabilidade social” ou “igualdade racial” –, já que o seu público rico e branco se manifestava pedindo para que suas palavras

fossem bem explicadas, como em: “Bem, é melhor você falar mais devagar, de modo que a gente possa compreender. Queremos parecer dignos com você, mas você o tempo todo tem de saber seu lugar” (ELLISON, 2020, p. 58). Dessa forma, o homem invisível aparece como uma metáfora sobre o comportamento de pessoas negras na sociedade, assim, não pode manifestar nenhum sentimento de resistência ou de inconformismo em relação ao que pessoas negras viviam, mas, sim, necessita permanecer em uma posição de subserviência e falar apenas o que os outros desejam ouvir para que assim possa crescer naquela sociedade norte-americana.

Nesse contexto, a busca pela sua identidade leva o narrador a diferentes posições de estudo e trabalho. Ao entrar em uma faculdade, o protagonista desenvolve uma relação amigável com um dos senhores brancos mais influentes no aspecto de investimento na instituição de ensino. Em uma relação baseada na necessidade e no interesse do homem invisível em crescer profissionalmente e financeiramente, mas também por ter uma figura mais velha de sucesso que esteja o aconselhando naquele mundo diferente do que está acostumado, o narrador comete alguns deslizes em sua trajetória ao fazer com que Mr. Norton tivesse maior contato com a história de vida de algumas pessoas negras e, conseqüentemente, ficasse sabendo de histórias (como a de um pai que “acidentalmente” engravidou a própria filha) que contribuíssem para o final de sua estadia na faculdade. Ao ficar sabendo do passeio do narrador, o presidente da universidade, Dr. Bledsoe o expulsa por ter mostrado para Mr. Norton uma realidade negra diferente da realidade que era vista no campus. Sendo assim, o racismo acaba mais uma vez se manifestando como barreira na busca do narrador pela sua identidade.

Além disso, na metade da obra o protagonista viaja para Nova Iorque e entra em uma “Irmandade” de pessoas negras que batalhavam por seus direitos e por uma vida harmoniosa que integrassem aos interesses de pessoas brancas e negras. O homem invisível era visto como uma pessoa inteligente, bem-posicionada e que futuramente poderia ter envolvimento com o cenário político e tornar-se um grande líder da comunidade negra, mas, novamente, em meio a essa busca por sua identidade, o protagonista é atravessado por diversos acontecimentos – como a repressão policial em relação ao crescimento do seu grupo – que fazem com que ele não consiga atingir às expectativas que tinham sido geradas sobre ele. Na irmandade, o protagonista também se decepciona com a forma como a organização lidava com os acontecimentos, principalmente após perceber que ele era visualizado como um token para fazer os discursos, mas que na prática o que era incentivado pelo grupo era justamente o que ele não desejava defender. Desse modo, o racismo atua fazendo com que o narrador-protagonista não consiga formar uma identidade autêntica e genuína nos espaços que são frequentados; sempre há um problema relacionado ao racismo que impede o narrador de seguir em frente e/ou permanecer em algum lugar, assim, tornando-se uma alegoria da existência negra nos Estados Unidos.

Sendo assim, a obra de Ellison é marcada por debater questões fundamentais na vivência negra americana do século XX: como condições financeiras precárias e uma sociedade preconceituosa tanto nos estudos quanto no mercado de trabalho. Dessa maneira, a obra de Ellison se caracteriza por abrir as portas para tantas outras narrativas que vieram a se tornar futuramente o afrofuturismo. Essas reflexões sobre o passado e um presente protagonizados por um negro que não sabia exatamente em qual posição estava socialmente

atuam como porta de entrada para discussões que posteriormente acontecem no afrofuturismo, quando autores utilizam perspectivas futuristas para representar o que seria o estranho. O grande fator diferencial está no afrofuturismo estabelecer essas discussões a partir de uma perspectiva tecnológica de transformações.

Em seu artigo “An Afrofuturist Reading of Ralph Ellison’s *Invisible Man*”, a teórica americana e professora de literatura Lisa Yaszek examina o livro através de olhares afrofuturistas na tentativa de encaixá-lo no movimento. Segundo a autora, Ellison faz uso da linguagem da ficção científica para enfatizar a alienação que pessoas negras enfrentam nesses futuros brancos (YASZEK, 2005, p. 305), o que é exemplificado através das menções que o autor faz aos seus colegas de faculdade, que ele chama de “robôs” em alguns momentos.

Ademais, a professora expande a sua análise ao falar que os personagens construídos pelo autor não se encaixam naquele modelo de realidade americana vigente. Segundo ela: “Ellison também insiste que, como os outros alienígenas da América, os sujeitos negros são definidos por uma complexidade histórica e relações materiais que não podem ser simplificadas para se adequar nas visões institucionais do amanhã” (YASZEK, 2005, p. 306, tradução nossa)¹³. O homem invisível proporcionava discussões e tentativas de mudança que eram acompanhadas de um vasto conhecimento da realidade que o acompanhava, sobretudo por ter todos os seus sonhos e ideias sendo afetados pelo contexto racista da época.

Se em alguns momentos o protagonista visualiza uma identidade de sucesso através da sua ambição e da perspectiva de sucesso do

13 “Ellison also insists that, as the alien others of America, black subjects are defined by complex historic and material relations that cannot be streamlined to fit institutional visions of tomorrow” (YASZEK, 2005, p. 306).

conhecido *American Dream*, como quando ele se muda para Nova Iorque: “Imaginei-me fazendo um discurso fotografado em poses impressionantes pelas câmeras de flash, surpreso no final de algum período deslumbrante de eloquência” (ELLISON, 2020, p. 182), no epílogo, ele reconhece toda a sua trajetória ao analisar aquela sociedade americana racista em que estava inserido e a sua perspectiva de conformidade em relação ao que encarava, aceitando que o seu país e nenhum outro lugar jamais mudaria e se livraria das amarras impostas pelo racismo:

A América é tecida de muitos fios. Eu os reconhecia e os deixaria assim permanecer. ‘O vencedor não leva nada’, essa é a grande verdade do nosso país, ou de qualquer país. A vida é para ser vivida, não para ser controlada, e a humanidade é conquistada ao manter nosso desempenho diante de eventuais derrotas. (ELLISON, 2020, p. 567-568)

Além disso, o protagonista oferece uma descrição analítica da América que até hoje enxerga-se em obras afrofuturistas no que diz respeito à forma como o negro é visualizado socialmente e essa procura por uma identidade para se encaixar em uma sociedade que o rejeita:

Nosso destino é nos tornarmos um, apesar de muitos. Não é uma profecia, mas uma descrição. De modo que uma das maiores pilhérias do mundo é o espetáculo dos brancos atarefados em fugir à condição do negro e em se tornar cada vez mais negros no dia a dia, ao mesmo tempo que os negros se empenham em chegar à condição do branco, tornando-se inteiramente obtusos e cinzentos. Nenhum de nós parece saber quem é ou para onde vai. (ELLISON, 2020, p. 568)

O conformismo torna-se a única opção do narrador após ele ter perdido completamente as esperanças de que alguma mudança

iria ocorrer em sua vida. O racismo o afetou em todos os aspectos e em todas as suas tentativas, assim, tornando-se insustentável imaginar uma sociedade em que fosse possível ter pessoas negras com condições melhores de vida. Dessa forma, a invisibilidade que o narrador apresenta ser a sua identidade se justifica pelas barreiras colocadas pelo contexto americano. Ellison, portanto, estabelece uma metáfora da realidade negra americana e acaba deixando uma descrição que mais se assemelha a um aviso: pessoas brancas se atarefam e buscam se afastar das condições e tratamentos dados às pessoas negras; já pessoas negras passam a sua existência fazendo de tudo para tentar alcançar à condição do branco, mas nesse processo acabam se perdendo, algo que fica próximo de acontecer com o narrador em diversas oportunidades no seu envolvimento com organizações sociais. De qualquer maneira, ambos estão unidos no mundo cinzento de não se ter uma ideia de qual lugar será o destino.

Ainda assim, por não apresentar um teor tecnológico e imaginativo sobre o futuro, a obra de Ellison não se encaixa como uma obra afrofuturista. Por mais que ela abra as portas para discussões que acontecem até hoje na literatura afrofuturista e, assim, seja um marco zero para o movimento, o autor não oferece um debate focado no aspecto tecnológico. As maiores relações que Ellison promove em relação ao futuro estão em pequenas descrições e/ou trechos que o protagonista tentava descrever as pessoas ao seu redor, ou até mesmo a como o sentimento psicológico de não pertencimento é trabalhado ao longo do livro. De fato, o homem invisível jamais alcança a identidade que tanto procurava, todavia, é justamente isso que o torna invisível.

Sendo assim, a narrativa de Ellison torna-se o ponto de partida para o que o afrofuturismo se tornou atualmente. Se agora é possível

trazer reflexões sobre o passado, o presente e, principalmente, imaginar o futuro com uma centralidade negra, muito é devido ao que Ellison apresentou em *Homem Invisível*. Tropos como o de enxergar pessoas negras como o *outro* na sociedade foram utilizados por diversos autores ao longo do restante do século XX e no século XXI, só que acompanhado de comparações com alienígenas e a sociedade do futuro que não se tem ideia de como será, mas que tornam essa oportunidade de sonhar/imaginar possível. Conforme escreve Yaszek (2005, p. 310, tradução nossa): “Ellison olhou principalmente para trás para poder reescrever o passado e o presente”¹⁴; atualmente, autores possuem a possibilidade de olhar para o passado e o presente, mas agora trazem a escrita sobre o futuro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da discussão, buscou-se debater a forma como a ficção científica se apresenta como o gênero literário que discute questões impossíveis/improváveis e o que isso representa para a colocação e o não-estranhamento provocado pela presença de ficções sobre vivências negras nesse aspecto. Além disso, a conceituação do afrofuturismo proporciona um debate sobre como a literatura negra está se desenvolvendo ao longo das últimas décadas em prol de diferentes discussões sobre a realidade negra, nesse panorama, agora marcada pelo novo e pelo tecnológico.

Em sua totalidade, *Homem Invisível* é uma obra que apresenta discussões sobre a realidade negra no século XX. O narrador permanece em toda a narrativa procurando formar a sua identidade, mas nunca consegue suceder por estar preso em uma sociedade

14 “Ellison primarily looked backwards to rewrite the past and present” (YASZEK, 2005, p. 310).

tomada pelo racismo que afeta todas as suas tentativas de viver: se o caminho é o estudo, o racismo aparece para retirá-lo do campus; se o caminho é o trabalho, o racismo aparece através do cenário de exploração sendo ainda mais intensificado em sua realidade; se o caminho é a organização social, o racismo aparece interferindo na forma como o homem se relacionava com as outras pessoas e através das traições que ocorriam por pessoas com interesses distintos. Portanto, não resta outro caminho que não seja o de uma identidade marcada pela invisibilidade.

REFERÊNCIAS

DERY, Mark. Black to the Future: interviews with Samuel R. Delany, Greg Tate and Tricia Rose. In: DERY, Mark. *Flame wars: the discourse of cyberculture*. Durkham e Londres: Duke University Press, p. 179-222, 1994.

ELLISON, Ralph. *Homem Invisível*. Tradução de Mauro Gama, 2.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2020.

GOMES DE SOUZA, Waldson. *Afrofuturismo: o futuro ancestral na literatura brasileira contemporânea*. 2019. 102f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, 2019.

HUDLING, Warrington. Harlem Renaissance: Reimagined. In: BLOOM, Harold. *The Harlem Renaissance*. Bloom's Period Studies, Chelsea House Publishers, 2004.

HUTCHINSON, George. *The Harlem Renaissance*. Cambridge Companion, Estados Unidos: Cambridge University Press, 2007.

LAVENDER III, Isiah. *AFROFUTURISM RISING: The Literary Prehistory of a Movement*. Columbus: The Ohio State University Press, 2019.

MARINETTI, Filippo. *Manifesto Futurista*. 1909. Disponível em: <https://comaarte.files.wordpress.com/2013/06/manifesto-do-futurismo.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2022.

NELSON, Alondra. Introduction: Future Texts. *Social text* 71. v. 20, n. 2, p. 1-15, 2002.

RICE, Herbert Wiliam. *Ralph Ellison and the Politics of the Novel*. Lexington Books, 2003.

SCODARI, Christine. Nyota Uhura is Not a White Girl. *Feminist Media Studies*. v. 12, n. 3, p. 335-351, 2012.

SEED, David. *Science Fiction: A Very Short Introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2011.

WEITEKAMP, Margaret A. *More Than "Just Uhura": Understanding Star Trek's Lt. Uhura, Civil Rights, and Space History*, 2014.

WOMACK, Ytasha L. *Afrofuturism: The World of Black Sci-Fi and Fantasy Culture*. Chicago: Laurence Hill Books, 2013

YASZEK, Lisa. An Afrofuturist Reading of Ralph Ellison's Invisible Man. *Rethinking History*. v. 9, n. 2/3, p. 297-313, 2005.